

“CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA” A POSSIBILIDADE DE NOVAS PERSPECTIVAS A PARTIR DA HISTÓRIA DAS MULHERES

 <https://orcid.org/0009-0006-5879-7384> Juliana Padilha de Oliveira^A

^A Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

Recebido em: 30 de maio de 2024 Aceito em: 25 de junho de 2024

Correspondência: jupadilha@id.uff.br

Calibã e a Bruxa é uma obra produzida por Silvia Federici, intelectual militante de tradição marxista autônoma. Durante os anos 1980 foi professora na Universidade de PortHarcourt, na Nigéria. Ali acompanhou de perto a organização feminista *Women in Nigeria* (Mulheres na Nigéria) e fez importantes contribuições para a criação do *Committee for Academic Freedom in Africa* (Comitê para a libertação acadêmica na África). Atualmente, a italiana Silvia Federici tem 82 anos e atua como professora emérita na Universidade Hofstra, na cidade de Nova Iorque. Em 2023, esteve em São Paulo para lançar seu novo livro, "Além da Pele" (Editora Elefante), e afirmou que os movimentos contra a desigualdade de gênero mais poderosos do mundo atualmente estão na América Latina¹.

A escolha dos nomes Calibã e a Bruxa, que intitulam o livro publicado em 2017, pela Editora Elefante, no Brasil, serve para ilustrar as dinâmicas de poder, opressão e resistência. Na peça “A tempestade”, de Shakespeare, Calibã é um nativo da ilha que é escravizado por Próspero, o feiticeiro que usurpa o controle do local. Calibã simboliza o "selvagem" e o "colonizado". Calibã é filho da Bruxa Sycorax, para quem não é dada a importância necessária na peça shakespeariana. Entretanto, para Federici, a bruxa representa as hereges, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só.

A escrita do livro é motivada pela compreensão de Federici sobre a expansão das relações capitalistas, analisando uma série de fenômenos, entre os quais se destacam: os cercamentos que expropriaram milhões de produtores agrários de sua terra, a pauperização massiva da criminalização dos trabalhadores, a perseguição de trabalhadores migrantes e a

¹ Silvia Federici deu entrevista ao Brasil de Fato e no link a seguir, você pode acessar o vídeo da entrevista: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/17/silvia-federici-os-movimentos-feministas-mais-poderosos-do-mundo-o-hoje-estao-na-america-latina#:~:text=Atualmente%2C%20Silvia%20%C3%A9%20professora%20em%20a%20Gago%20e%20Luci%20Cavellero.>



intensificação do “retorno a perseguição das mulheres” nos tempos mais atuais, na qual a autora destaca o Brasil. Nas palavras de Federici,

Porque depois de quinhentos anos de domínio do capital, no início do terceiro milênio, os trabalhadores ainda são massivamente definidos como pobres, bruxas e bandoleiros? De que maneira se relacionam a expropriação e a pauperização com o permanente ataque contra as mulheres? O que podemos aprender sobre o desdobramento capitalista, passado e presente, quando examinado em perspectiva feminista? (FEDERICI, 2017, p. 25).

Estas perguntas são respondidas ao longo dos cinco capítulos do livro, em desdobramentos que nos auxiliam, através da história das mulheres, a compreender a servidão como relação de classe, os movimentos milenaristas e heréticos, a politização da sexualidade, como a peste negra influenciou a crise do trabalho e fomentou uma política sexual, a acumulação do trabalho e a degradação das mulheres que foram colocadas como bens comuns e como substitutas para as perdas das terras, a redefinição da sexualidade e da masculinidade, a caça às bruxas e a racionalização capitalista da sexualidade.

O termo acumulação primitiva, na obra de Silvia, ganha novas interpretações. Ela reconhece a utilidade do termo no tomo I de O Capital, ao caracterizar o processo político no qual se sustenta o desenvolvimento das relações econômicas e sociais, como um processo fundacional, revelando condições fundamentais para implementação da sociedade capitalista. A autora vai além de Marx, pois examina essas mudanças não só do ponto de vista do proletário assalariado do sexo masculino, mas do ponto de vista das mudanças que introduziu na posição social das mulheres e na produção da força de trabalho.

Traz elementos inéditos para pensarmos a acumulação primitiva do capital quando o centro de sua análise é a caça às bruxas, tanto na Europa quanto no Novo Mundo, dando a este acontecimento a mesma relevância que a colonização e expropriação do campesinato europeu de suas terras tiveram. E também quando discorda de Marx ao compreender que cada fase da globalização capitalista acompanha um retorno aos aspectos mais violentos da acumulação primitiva. Portanto as violências próprias do capitalismo, como a expulsão dos camponeses de suas terras e a degradação das mulheres são condições para sobrevivência do capitalismo em qualquer época.

Afirma a autora que, se Marx tivesse olhado a transição do feudalismo para o capitalismo pela perspectiva das mulheres, jamais poderia supor que o capitalismo preparava o caminho para libertação humana, conforme o trecho:

“Mulheres”, então, no contexto deste livro, significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas (FEDERICI, 2017, p. 27).

Um importante paralelo para discussão do “corpo” é apresentado pela autora, quando ela apresenta em Calibã e a Bruxa que na sociedade capitalista, o corpo representa, para as mulheres, o que a fábrica é para os homens assalariados: um terreno de exploração, mas também de resistência. Nesta obra o corpo, não é resumido a esfera do privado, mas é discutida uma “política do corpo”. Tece críticas a Foucault, pois acredita que sua teoria só pode ser defendida à custa da omissão histórica das caças às bruxas, em sua descrição da dinâmica dos micropoderes.

Na tentativa de formar um novo tipo de indivíduo, a burguesia estabeleceu uma batalha contra o corpo, que se converteu em sua marca histórica. De acordo com Max Weber, a reforma do corpo está no coração da ética burguesa porque o capitalismo faz da aquisição “o objetivo final da vida”, em vez de tratá-la como meio para satisfazer nossas necessidades; para tanto, necessita que percamos o direito a qualquer forma espontânea de desfrutar a vida (FEDERICI, 2017, p. 243).

Apesar de não usar o termo interseccionalidade, compreende que o capitalismo, enquanto sistema econômico-social está intrinsecamente ligado ao racismo e ao sexismo, possibilitando-nos uma compreensão mais ampla das discussões de classe, raça e gênero e religião, porque também elenca como a Igreja Católica teve importante papel na colaboração das políticas sexuais que criminalizaram a homossexualidade e fizeram da prostituição uma forma de “proteger” a família nuclear europeia. Nesse sentido, a leitura do livro deixa clara a exploração das mulheres, dos sujeitos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes deslocados pela globalização, revelando a dialética que existe entre a acumulação e destruição da força de trabalho. Preço que as mulheres historicamente pagam com suas vidas.

Os desdobramentos sobre a dominação das populações do Novo Mundo também são discutidos de forma muito importante para contribuições das lutas feministas, porque Federici o faz partindo também da história das mulheres. Diante disso, é possível visualizar que as violências realizadas nos processos de dominação da população europeia se repetiram na América, demonstrando haver lógica no regimento do desenvolvimento do capitalismo, revelando o caráter estrutural deste sistema que é a perpetuação das atrocidades contra a vida humana.

Em suma, a historiografia mais tradicional limitou a caça às bruxas à Europa, entretanto, através desta obra conseguimos observar diversos elementos expostos pela autora que a acusação de adoração ao diabo também teve um papel chave na colonização dos indígenas americanos. A partir disso, nota-se que os instrumentos utilizados pela Igreja Católica na Europa medieval para dar “legalidade” à destruição do corpo feminino, foram também os instrumentos religiosos utilizados para massacrar, estuprar e subjugar as mulheres indígenas americanas.

O livro destaca, ainda, que a heresia foi perseguida, pois tinha muito mais um caráter de protesto que reivindicava pautas das quais, desde a Idade Média, a Igreja Católica se opunha. Os hereges denunciavam a acumulação das riquezas, e difundiam entre seus seguidores uma concepção nova e revolucionária, que de forma pioneira repensava os aspectos centrais da vida cotidiana, como: o trabalho, a propriedade, a reprodução sexual, a situação das mulheres.

Na raiz da heresia popular estava a crença de que deus já não falava por meio do clero, devido à sua ganância, à sua corrupção e ao seu comportamento escandaloso [...]. O desafio dos hereges, porém, era principalmente político, já que desafiar a Igreja pressupunha enfrentar ao mesmo tempo o pilar ideológico do poder feudal, o principal senhor das terras da Europa e uma das instituições que mais contribuía com a exploração cotidiana do campesinato (FEDERICI, 2017, p. 72).

A partir disso, destaque-se que os ataques da Igreja Católica à demonização do sexo e das mulheres aprofundaram-se. Durante o século XII os Concílios de Latrão discorriam sobre o casamento e o concubinato entre os clérigos e elencaram o matrimônio como algo que não poderia, sob nenhum poder terreno, ser dissolvido. No Concílio de Latrão de 1179, a Igreja condena pela primeira vez a homossexualidade. Desse modo, a sexualidade torna-se política de Estado. Entretanto em muitas seitas hereges as mulheres tinham liberdade sobre seus corpos e sexualidade, motivo que intensificava a perseguição da Igreja Católica. A peste Negra, entre 1347 e 1352, que destruiu mais de um terço da população europeia, contribuiu para determinar o controle sobre os corpos que geravam outros corpos, o que era essencial para a Igreja. Para efetivar sua política de perseguição e morte, a figura do herege tornou-se a figura da mulher, da bruxa e no início do século XV este foi o grande alvo da perseguição da Igreja e do Estado.

Ainda no século XV temos outro forte exemplo de como a discussão de classe, gênero e religião construíram-se em conjunto. Para angariar trabalhadores, as autoridades políticas, que estavam atreladas as autoridades religiosas Católica, empreenderam uma estratégia

bastante misógina, a exemplo da França, onde o estupro foi praticamente descriminalizado pelas autoridades municipais, quando as vítimas se tratavam de mulheres da classe baixa (FEDERICI, 2017). Assim, legitimado pelo Estado, o estupro coletivo de mulheres proletárias tornou-se algo corriqueiro.

Ao analisar estas políticas, nota-se, portanto, que elas levaram à institucionalização da prostituição, que foi amplamente aceita e logo, por toda Europa, haviam bordeis. Estes mesmos bordeis eram aceitos pela Igreja, pois caracterizavam-se como um remédio para a homossexualidade, um antídoto contra as orgias sexuais e uma forma de proteger a família (nuclear). Por fim, conclui-se que obra enriquece nosso conhecimento sobre as formas de controle social e extermínio, uma vez que nos possibilita ver a história contada a partir da perspectiva de mulheres que por tantas vezes foram invisibilizadas e silenciadas. Nesse sentido, ela ressalta que as lutas feministas quando relacionadas às lutas de classe e raça têm a possibilidade de refazer a nossa compreensão da história e nos dar argumentos e ideias para atualizarmos nossa incansável busca por um cotidiano plural, justo, democrático, antimachista e laico.

Referências

- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 3 v.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 3 v. (Os economistas).